

ELEIÇÕES 2008

| LULA TENTA EVITAR QUE CRISE FINANCEIRA ATRAPALHE A CANDIDATURA DE DILMA EM 2010

A estratégia do otimismo

DANIEL PEREIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva definiu um piso para o desempenho da economia diante da crise financeira mundial. Não aceita um crescimento inferior a 4% no ano que vem. Esse percentual é menor do que a estimativa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) em 2008, de 5%. Mesmo assim, avalia Lula, será suficiente para manter o aumento do emprego formal e do consumo das famílias, além do alto nível de avaliação positiva do governo, os quais são considerados trunfos eleitorais para 2010. "Crescer 4,5% numa crise como essa, a mais grave desde 1929 (Depressão americana), será um sinal de força", diz um ministro.

Pela proposta de Orçamento da União em tramitação no Congresso, o PIB subirá 4,5% em 2009. Nos bastidores, o governo admite rever para baixo a meta, que chegaria, no pior cenário, a 4%. Nesse contexto, o fundamental para o próximo ano seria manter a casa em ordem, atravessar o turbilhão financeiro e pavimentar o caminho para uma nova arrancada econômica em 2010. Se tal roteiro for executado, Lula está certo de que terá condições de eleger a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, presidente do país, com um nome indicado pelo PMDB na vice. "Não haverá seqüelas graves na economia brasileira", afirma um ministro. "Imagine a força que o governo terá se o país atravessar sem sobressaltos a crise", acrescenta.

Governistas sustentam o discurso otimista em dois pilares. Um deles é a alegada solidez do país, que seria fruto de decisões combatidas pela oposição e pelo mercado, mas acertadas. Caso do acúmulo de reservas internacionais, que superavam US\$ 200 bilhões no início da semana passada, da diversificação do comércio com países estrangeiros, e não apenas os desenvolvidos, e da formação de uma nova massa de consumidores no país. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a classe média é hoje maioria em todas as regiões metropolitanas. "O mercado interno é uma das possibilidades que temos de sofrer menos com o tranco", declarou o presidente, na última segunda-feira, durante reunião com líderes de legendas aliadas.

O outro pilar está justamente relacionado ao mercado interno. Mesmo com a esperada redução da arrecadação federal em 2009, provocada pelo

Ricardo Stuckert/PR - 2/9/08



LULA BRINCA COM DILMA: SORRISOS EM EVENTOS PÚBLICOS E DECLARAÇÕES SOBRE A CAPACIDADE DO BRASIL EM ATRAVESSAR O TURBILHÃO

► CENÁRIO TRAÇADO

Indicador	2008	2009	2010
PIB (em R\$ bilhões)	2.837,9	3.113,4	3.416,2
Superávit primário do setor público (% do PIB)	3,8	3,8	3,8
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	40,9	37,9	34,6
Inflação oficial (IPCA)	4,5%	4,5%	4,5%
Taxa de juros (Selic) em dezembro	11,2%	10,5%	9,8%
Valor do dólar em real	1,77	1,85	1,91

Fonte: Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2009, com base em previsão de 17 de março deste ano. Na proposta de Orçamento da União, enviada ao Congresso em agosto passado, o governo reviu a estimativa de taxa de crescimento do próximo ano de 5% para 4,5%.

O QUE JUSTIFICA O SORRISO GOVERNISTA

Indicador	Janeiro de 2003	Junho/ Julho de 2008	Variação
Balanco de pagamentos (saldo mensal em US\$ milhões)	713	2.618	+267%
Balança comercial (saldo mensal em US\$ milhões)	1.155	3.304	+186
Reservas internacionais (em US\$ milhões)	37.652	203.562	+441%
Investimento estrangeiro direto (em US\$ milhões)	905	2.718	+200%
Risco Brasil	1.439 pontos	228 pontos	-84%
Crédito (em proporção ao PIB)	21,8	36,5	+67%
Emprego com carteira assinada (em milhões)	28,7	38,1	+33%

Fonte: Caderno Destaques, distribuído em agosto pela Presidência aos ministérios

desaquecimento econômico, o governo não pretende cortar os investimentos em programas sociais e inscritos no Programa

de Aceleração do Crescimento (PAC). Além disso, conta com os bilhões de dólares que a Petrobras pretende desembolsar

Brasil afora. Sem contar a exploração da chamada camada pré-sal, a empresa planeja investir US\$ 97,4 bilhões em

território nacional até 2012. A maioria dos recursos, afirma um ministro, sairá do próprio fluxo de caixa da estatal. Esta, portanto, não correria o risco de ser prejudicada pela escassez de crédito.

"Vai custar muito para alguém me convencer a parar alguma obra do PAC", declarou Lula na reunião com os líderes aliados. Na sexta-feira, foi a vez de a ministra Dilma reforçar o coro. "O investimento é que assegura o trânsito do Brasil na crise econômica." Hoje, há ainda um terceiro fator que anima os governistas. Trata-se das medidas anunciadas em resposta às quedas sucessivas das bolsas de valores e à valorização da moeda americana. A avaliação é de que elas alcançaram o objetivo traçado. Destaque para a decisão do Banco Central de afrouxar o compulsório (dinheiro que as instituições financeiras são obrigadas a deixar guardado no BC), o que aumentou a possibilidade de empresários e consumidores contratarem empréstimos.

Fase aguda

"Não estamos ansiosos nem alarmados. Estamos acompanhando com lupa e tomando as medidas quando são necessárias, pontualmente. A crise é gravíssima, mas, depois de mais

de um ano de iniciada, a economia, os empregos e o consumo continuam crescendo no Brasil", declara um ministro. No segundo trimestre, o PIB, o consumo familiar e os investimentos subiram 6%, 6,7% e 16,2% na comparação com o mesmo período do ano passado. Os números foram colhidos antes da fase aguda da crise. Entre segunda e sexta-feira passadas, a Bolsa de Valores de Nova York registrou sua pior semana em 112 anos de história. Já a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) desabou 20%.

"O presidente recorreu à velha esperteza petista ao dizer que o Brasil estava tranquilo com relação à crise. Teve até surtos de euforia. Agora, já mudou, e muito, o discurso", diz o líder do PSDB na Câmara, José Aníbal (SP). Os tucanos sabem que a situação econômica terá peso decisivo na escolha do próximo presidente. Propõem um debate nacional a fim de manter o Brasil nos trilhos, enquanto são acusados pelo Planalto de torcerem pelo "quanto pior melhor". "Esta é a hora de o governo ter grandeza e convocar as lideranças da oposição e da sociedade civil, ouvir as soluções de cada um e pedir uma unidade nacional para sairmos dessa situação", afirma Arthur Virgílio (AM), líder do PSDB no Senado.

ANÁLISE//

Postura arriscada

Não são apenas os "sólidos fundamentos da economia" que estão por trás do discurso otimista do governo com relação à situação brasileira perante a crise financeira mundial. Lula e ministros adotam tal postura porque não querem demonstrar intranquilidade diante de um cenário de derretimento das bolsas, de problemas de liquidez e de escassez de crédito, o que poderia inibir o consumo e os investimentos no país. "Não podemos deixar transparecer que estamos enfraquecidos se não o mercado fica inseguro", disse o presidente em reunião, semana passada, no Palácio do Planalto.

A estratégia é arriscada. Caso a crise se agrave, pode contribuir, por exemplo, para o aumento do nível de endividamento e da inadimplência nas camadas mais pobres da população. Há poucos dias, tais setores foram estimulados pelo presidente a manter as compras e a fazer do Natal deste ano um acontecimento "extraordinário". Se depois dos festejos a conta se mostrar salgada demais, caberá a Lula prestar os esclarecimentos por ter subestimado o problema. Ou, como no caso do escândalo do mensalão, alegar que não sabia do tamanho da encrenca. Essa não é uma possibilidade desprezível, já que, no próprio Planalto, ministros dizem não saber quando e como terminará a novela. (DP)